

Prática de avaliação de argumentos em filosofia

Em filosofia, as várias teorias que procuram dar resposta aos problemas filosóficos são sustentadas por argumentos. Se a teoria for fundamentada com bons argumentos, então torna-se plausível aceitá-la. Mas como é que sabemos se um certo argumento é bom ou mau? O primeiro passo, no caso de estarmos perante um argumento dedutivo, é analisar se ele é dedutivamente válido, ou seja, procura-se examinar se a estrutura ou forma do argumento é correta e se a conclusão do argumento é uma consequência lógica das premissas. Por isso, é importante saberes avaliar os argumentos.

Vejamos um exemplo. No diálogo *Críton*, escrito por Platão, apresenta-se o seguinte caso: Sócrates foi condenado à morte por ensinar filosofia e está na prisão à espera para tomar a cicuta (um veneno mortal). Porém, um dos seus amigos, Críton, visita-o durante a noite e propõe-lhe um plano de fuga. Sócrates não concorda com Críton e um dos argumentos que lhe apresenta pode ser resumido da seguinte forma:

Se eu fugir da prisão, então eu opto por obedecer ao Estado apenas quando isso me é conveniente. Ora, se eu opto por obedecer ao Estado apenas quando isso me é conveniente, então eu não acredito realmente no que digo. Portanto, se eu acredito realmente no que digo, então eu não fugirei da prisão.

Será este um argumento válido? Para saberes isso, convém seguir as seguintes etapas de avaliação da validade dos argumentos:

- **Primeiro**, é necessário **representar canonicamente o argumento**, deixando claro quais são as premissas e qual é a conclusão:

(P1) Se Sócrates fugir da prisão, então ele opta por obedecer ao Estado apenas quando isso lhe é conveniente.

(P2) Se ele opta por obedecer ao Estado apenas quando isso lhe é conveniente, então ele não acredita realmente no que diz.

(C) Logo, se Sócrates acredita realmente no que diz, então ele não fugirá da prisão.

- **Segundo**, é preciso fazer a interpretação ou **construir o dicionário** que capte de modo adequado as proposições elementares presentes no argumento:

P = Sócrates foge da prisão.

Q = Sócrates opta por obedecer ao Estado apenas quando isso lhe é conveniente.

R = Sócrates acredita realmente no que diz.

- **Terceiro**: com este dicionário já é possível **formalizar o argumento** na linguagem da lógica proposicional clássica:

$(P \rightarrow Q), (Q \rightarrow \neg R) \therefore (R \rightarrow \neg P)$



- **Quarto:** o passo seguinte é **construir um inspetor de circunstâncias:**

P	Q	R	$(P \rightarrow Q)$	$(Q \rightarrow \neg R)$	$\therefore (R \rightarrow \neg P)$
V	V	V	V	F	F
V	V	F	V	V	V
V	F	V	F	V	F
V	F	F	F	V	V
F	V	V	V	F	V
F	V	F	V	V	V
F	F	V	V	V	V
F	F	F	V	V	V

- **Quinto:** por último, resta fazer a análise do inspetor de circunstâncias para determinar se o argumento é válido ou inválido. O argumento que se está a examinar é válido, pois não existe qualquer circunstância (linha) em que todas as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa. Assim, o argumento de Sócrates é válido, ou seja, caso as premissas sejam

verdadeiras, a conclusão será verdadeira. Mas serão as premissas de facto verdadeiras?

Sócrates considerou que o seu argumento, além de válido, era sólido e, por isso, decidiu ficar na prisão para ser morto. Mas não deveria Sócrates ter medo da morte? No diálogo com Críton, Sócrates também argumenta que não teme a morte. Isto porque:

A minha morte será um sono perpétuo ou a minha morte será a entrada para uma vida melhor. Se a minha morte for um sono perpétuo, então eu não devo ter medo da morte. Se a minha morte for uma entrada para uma vida melhor, então eu não devo ter medo da morte. Logo, de qualquer forma, eu não devo temer a morte.

Será este argumento válido? Propomos-te que analises a validade deste argumento de Sócrates seguindo todas as etapas de avaliação da validade dos argumentos.

EXERCÍCIOS

13. Constrói inspetores de circunstâncias para determinar se os argumentos presentes nos exercícios 3 (pág. 51) e 6 (pág. 54) são válidos ou inválidos.
14. Aplica as várias “etapas de avaliação da validade” aos seguintes argumentos:
 - a. Deus não quer evitar o mal ou ele não o pode fazer. Se Deus não quer evitar o mal, então ele não é totalmente bom. Se Deus não pode evitar o mal, então ele não é onipotente. Portanto, Deus não é totalmente bom ou não é onipotente.
 - b. Se há conhecimento, então algumas coisas são conhecidas sem provas ou nós podemos provar cada premissa por argumentos prévios infinitamente. Ora, há conhecimento. Porém, nós não podemos provar todas as premissas por argumentos prévios infinitamente. Portanto, algumas coisas são conhecidas sem provas.